

# *A Revelação*



*Carlos da Terra*

**Conto**

2012 © by Carlos da Terra

Capa: Photopront

Terra, Carlos da  
A Revelação / Carlos da Terra – São Paulo BR  
Ficção – espiritualidade – mistério

**É PROIBIDA A REPRODUÇÃO**

*Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida, copiada, transcrita ou mesmo transmitida por meios eletrônicos ou gravações sem a permissão, por escrito, do autor. Os infratores serão punidos pela Lei n° 9.610/98*

Entre real e o fantástico, certamente existe uma lacuna ainda maior do que pode conceber o imaginário, até mesmo de um poeta.

Digo até mesmo de um poeta, porque a este é possível exacerbar sua imaginação desde o óbvio até o sobrenatural, ou sombrio.

A ciência, tida como fonte de saber, nega-se a conjecturar e seu âmbito é, por isso mesmo, restrito; mas longe do método, o próprio cientista poderá fazer isso, sem nenhum prejuízo cabível e até com algum ganho ao adentrar a imensidão do desconhecido.

A própria diversidade de vida animal a nossa volta é surpreendente; fantástica sob todos os aspectos, mas por vezes, nos passa despercebida em sua grandeza e nas inúmeras possibilidades que ela mesma nos oferece para desvendarmos os enigmas da criação e do universo.

Meu amigo Roberto e eu conversávamos justamente sobre essas coisas e ponderávamos, especificamente, que qualquer acontecimento pode ser considerado possível ou impossível, dependendo da referência que se use para estudá-lo. A ótica é variável tanto nos métodos de observação, quanto na natureza da espécie de um observador.

Cito como exemplo um dado familiar e corriqueiro: uma distância de cem metros é relativamente grande para uma pessoa, porém muito pequena e quase insignificante para um cavalo.

Dizíamos, em acalorado debate, que as viagens interplanetárias e também a vida em outras paragens ou planetas, bem podem ser possíveis de existirem, se considerarmos o conhecimento que já possuímos sobre as diferenças relativas que nos cercam, entre matérias e, principalmente, entre os seres animais.

Para reafirmar minha tese eu criei, na mesma hora em que estávamos debatendo, uma espécie de fábula, pretendendo com ela exemplificar como para todos os seres vivos, a realidade pode e deve aparentar-se completamente diferente; Assim a fábula pretende mostrar que, o que para uns é muito, a outros é pouco, ou o que para alguns é longe, é perto demais para alguns e o que estivermos considerando impossível, poderá ser exequível ou de fácil realização, a outros seres.

Para que não me julguem louco pela história que lhes vou contar após a fábula – que confesso, parece mesmo loucura -, vou lhes propor uma breve reflexão pelo que ela ilustra e considerem a seguinte hipótese, apenas como uma alça para um pensamento mais profundo, a que chegaremos adiante:

Vamos imaginar juntos, – para maior deleite (uma vez que raciocinar é agradável quando leva a íntimas descobertas ) – uma viagem. Mas essa viagem terá muito pouco a ver com as viagens humanas, que costumamos fazer.

A viagem hipotética será levada a efeito por três animais de espécies distintas, sendo que um deles será um homem, o outro um cavalo e um terceiro animal será uma pequenina formiga.

A primeira característica dessa viagem é que ela terá apenas aproximadamente de um a dois quilômetros de distância entre o ponto inicial e o ponto final, ou de chegada.

Esses três indivíduos empreenderão uma viagem solitária, embora tenham partido no mesmo momento, mas pelo ritmo de cada um, durante o percurso, vão se distanciar e chegarão em momentos diferentes não importando agora os propósitos que eles poderiam ter para tal viagem.

Passo a passo, na fábula, tentaremos demonstrar que uma viagem interplanetária é, não apenas possível, mas provável também. E o acontecimento que lhes é contado depois da fábula, é que nos fez ver assim a realidade.

Estimando pela velocidade normal desses animais, poderemos supor que o cavalo chegaria em um tempo bem mais curto que os demais, sua viagem demoraria aproximadamente três ou quatro minutos, enquanto o homem demoraria para esse percurso, talvez, uma hora, ou quase isso e a formiga poderia levar, possivelmente, no mínimo uma semana para chegar ao final.

Supondo a maneira idiossincrática de cada um desses seres, na observação da realidade, somos levados, inexoravelmente a importantes deduções, que ao final, como eu já disse, provará a exequibilidade de uma grande viagem interplanetária.

Continuando em nosso plano apenas imaginário dessa fábula, vamos acrescentar que no ponto final da viagem, existe uma comunidade de insetos conhecidos como Epheméridas e que têm uma vida muito curta. Esses insetos têm, melhor dito, vida curtíssima e seu tempo é suficiente apenas para acasalar e pôr ovos, e não se mediu ainda cientificamente o tempo que eles teriam para, pelo menos, se alimentarem. Vivem os minúsculos insetos Epheméridas, apenas poucas horas. Devemos nos lembrar que a vida média do homem é de 60 anos, enquanto a do cavalo é de 20 anos e da formiga 12 dias apenas, ilustrando que o tamanho dos seres não tem razão direta com sua durabilidade no planeta.

Considerando esses dados, teremos que para o cavalo, a viagem representou muito menos em proporção, por ele viver apenas um terço do homem e a formiga, em relação ao homem, terá ocupado muito mais tempo de sua vida nesta viagem, considerando-se que entre os três, é ela quem tem menor tempo de vida.

E em nossa explanação, esses três animais, ao chegarem ao seu destino, a colônia de Epheméridas, permaneceram por lá um pequeno tempo e realizaram alguma proeza e ao partirem de volta às suas casas, “disseram” que voltariam algum dia.

E então todos eles ao retornarem ao ponto de partida, descansaram e empreenderam novamente a mesma viagem à colônia de Epheméridas; por três dias descansaram e depois rumaram novamente para a comunidade dos insetos de vida curtíssima.

Eu perguntei ao Roberto:

- O que você pode deduzir que acontecerá na alma ou no entendimento dos Epheméridas, quando os três animais chegarem até eles, cada um a seu tempo?

Roberto começou a conjecturar:

- Sua fábula, Christino, é deveras interessante; jamais me ocorreu refletir nesse âmbito! E ao dizer, empreendeu prolongada pausa e continuou franzindo o sobrolho:

- O cavalo, possivelmente encontraria os mesmos insetos, porém, estes teriam uma aparência bastante envelhecida, enquanto ele, o cavalo, pareceria ao inseto, exatamente igual ao que era na hora da partida. Se o cavalo fosse e voltasse novamente, o resultado seria assombroso para os Epheméridas, que poderiam estar próximos de sua hora terminal.

- E o homem? Eu interpelei, interrompendo-o

- O homem, - ele disse – ao voltar apresentaria também um resultado característico, considerando-se que a vida do homem é mais longa e, portanto, sua transformação seria ainda menor.; assim, praticamente, sobre os epheméridas o efeito poderia ser muito parecido; mas e a formiga? – perguntou-me-.

- Imagino que a formiga, por tanto demorar, não encontraria na colônia dos Epheméridas, nenhum ser vivente da época em que a visitou pela primeira vez e aí é que está o cerne da compreensão dessa realidade que estamos abordando tendo como base a fábula – eu disse e continuei..

- A formiga encontraria isso sim, netos ou bisnetos dos Epheméridas que morreram e que devem ter deixado muitas histórias sobre a visita da formiga, que para eles ocorreu há muito tempo. Os membros da colônia contarão incríveis histórias. Alguns vão acreditar, porém outros não! Será uma questão de fé!

A visita dos três animais pode ter deixado alguma evidência, mas não será fácil encontrá-la, porque os indivíduos daquela colônia já estarão em uma geração muito mais à frente.

Assim, eu falei essa pequena fábula, para exemplificar - como eu disse no começo -, que o possível e o impossível são questionáveis e, sobretudo, relativos.

Assim, passemos agora ao plano das viagens interplanetárias e examinemo-la à sombra da fábula.

Vemos que à luz dessa fábula, uma viagem interplanetária seria perfeitamente possível para uma espécie dotada de atributos assombrosos para nós, como os atributos do cavalo são assombrosos para o epheméridas.

Ao comentar estas coisas com o meu amigo Roberto, que é um homem afeito apenas ao palpável, ao ortodoxo, me interrompeu dizendo ter ouvido há muito tempo atrás, de um viajante, uma história bastante singular, muito misteriosa.

Segundo essa história, haveria um homem, vivendo como um ermitão, em uma espécie de templo, localizado nos confins de uma enorme caverna e que – explicava gesticulando freneticamente – dizia esse viajante também, que nessa caverna nenhum inseto nocivo adentrava enquanto, mesmo pássaros que não gostam da penumbra, entravam e saíam livremente, parecendo não senti-la.

Apesar de sua ortodoxia, intrigava também ao Roberto, a existência de tal homem que se dizia remanescente de uma civilização muito antiga... milenar.

Diante de nossa própria fábula inventada, não pudemos deixar de nos assombrarmos com essa afirmativa do tal viajante e resolvemos pesquisar.

Nossas bibliotecas, tanto particulares como públicas e mesmo as mais completas, nada, mas absolutamente nada pudemos encontrar que citasse o fato ou mesmo essa alusão estonteante.

Estonteante, mas como a fábula...

Por várias noites eu permaneci acordado e completamente intrigado por essa história, até que um dia fui bater à porta do Roberto:

Como sempre, ele me recebeu cordialmente e puxou uma cadeira convidando-me para um café, que ele já estava preparando.

Sentei-me e após respirar fundo, comecei a falar, mansamente, temendo ser taxado de visionário ou tão crédulo que poderia beirar o insano...

- Meu amigo Roberto... vou sair para uma viagem. Vou conhecer aquele homem sobre o qual discorreu o viajante e, se é que esse homem existe, vou encontrá-lo e extrair dele esclarecimentos para coisas que perturbam meu espírito, porque me sinto mal na ignorância.

Ao invés da ironia que eu esperava do meu amigo, a resposta foi a mais inesperada possível...

- Já trilhamos muitos caminhos antes – disse-me o Roberto -, e não vou ficar esperando por sua explanação. Quero também seguir nessa viagem e se há alguma verdade nessa história, quero também a comprovação. Lembre-se que sua fábula me reformulou o raciocínio – sentenciou e riu discretamente-

Fomos até a estante de livros do Roberto e verificamos vários mapas da região apontada pelo viajante e logo percebemos a carência de transportes para essa região, aparentemente inexplorada.

- Vamos com o meu carro – eu disse - e nos caminhos mais difíceis e lugares inóspitos, nós iremos com o transporte local, seja à cavalo ou a pé. Deixaremos o carro no lugar mais próximo da estrada e na volta o retomamos.

- Ótimo! Bradou o Roberto, esfregando as mãos e sorrindo satisfeito. Vou preparar minhas coisas e levar minha máquina fotográfica.

Repentinamente ele mesmo, o Roberto, lembrou-se de outra coisa que o viajante lhe contou:

- Ah! Tem um detalhe. Nessa caverna ninguém consegue tirar fotos! Misteriosamente, ao sair da caverna tudo se esvanece como num passe de mágica. A máquina ficará vazia, até mesmo dos filmes e fotos antigos que ela contiver.

- Não faz mal, Roberto! Leve mesmo assim a máquina! Vamos fotografar a fauna e a flora para guardarmos como recordação.

E descemos então a Serra de Juquiá, observando atentos e fotografando a vegetação cerrada e uma infinidade de bananeiras de todas as qualidades. Pelo visto, nossa alimentação, não seria problema. Também se verificava a presença de grandes palmeiras, que produzem o saboroso palmito pupunha, abundantemente e caprichosamente dispostos pela natureza.

Nosso mapa já estava totalmente demarcado, até o nosso destino final, mas não tínhamos idéia de que tipo ou qualidade de estrada ou caminho nós encontraríamos quando terminasse o asfalto.

Chegamos então a uma parte enlameada, terreno íngreme, impossível de transitar de automóvel e consideramos que uma velha cabana, que avistávamos ao fundo, seria uma adequada sinalização para deixarmos o carro estacionado, ali em baixo mesmo – onde estávamos - e seguirmos a pé mata a dentro.

Paramos então o carro e fomos por uma estreita picada no meio da mata densa, até a casa pequena, de taipa, que distava – por nossos cálculos – a quinhentos ou seiscentos metros de onde deixamos o nosso veículo.

Embora o caminho não fosse tão longo, era, inegavelmente, de difícil acesso e por isso chegamos um tanto cansados à porta da cabana, que agora, vista de perto tomava ares um tanto sombrios.

Uma porta velha, semi cerrada nos serviu de alarme para indicar nossa presença, além do barulho de alguns patos e gansos que vagueavam ao redor do casebre.

Esperávamos que com o ruído da porta e o grasnido dos gansos alguém aparecesse, mas isso não aconteceu.

- Não há ninguém aí, Roberto... empurre mais forte a porta! Talvez ela esteja abandonada. Abra-a e vamos ver o que tem nela!

Roberto empurrou cuidadosa, mas fortemente a porta conseguindo abri-la apenas parcialmente. Ambos nos precipitamos a olhar pela fresta.

- Está escuro, Christino, vou acender a lanterna.

Ao fundo, imediatamente vislumbramos o que nos pareceu um grande crucifixo de pau tosco, amarronzado, pregado ao centro de uma parede e, no meio da pequena sala, um fogão à lenha, com brasa ardente, fervendo água em um bule amassado. Tornamos a fechar logo a porta.

Baseando-nos no bule com água fervendo, concluímos que havia sim, um morador e que ele deveria chegar logo.

Esperamos do lado de fora pacientemente, sentados em um toco de árvore. Estávamos cansados da pequena caminhada e, provavelmente o oxigênio abundante da densa e impoluta floresta, ao qual não estávamos acostumados, tenha nos provocado uma sonolência e um torpor quase hipnótico, também.

Por todo o caminho e agora sentados à porta do casebre, nós ríamos de nós mesmos, questionando se deveríamos mesmo ter empreendido esta louca jornada quando



ouvimos ruído de passos, quebrando os gravetos atrás de algumas moitas da densa mata atlântica, que contornavam o casebre.

Sentimos um certo receio nessa hora, porque o homem – que supúnhamos seria o morador daquele casebre -, ao chegar poderia se assustar e nos receber de modo nada amistoso. Os sons dos gravetos quebrados se tornavam mais audíveis e pressentíamos que estavam mais próximos, embora não percebêssemos qualquer mudança em sua cadência. Mas o crepitar se tornava mais e mais forte; percebia-se também uma contrastante leveza nos ruídos, o que nos causava apreensão e curiosidade. Poderia ser algum animal perigoso – imaginamos -.

Eu imaginava que, ali, longe da civilização, seria difícil a um homem barbear-se com assiduidade ou vestir-se com roupas comuns como as que conhecíamos, além do que, seria muito difícil alguém estar, naquele lugar, informado sobre os avanços tecnológicos e os acontecimentos da cidade. Deveríamos, em minha opinião, esperar por um homem rude e de reações completamente imprevisíveis.

Certamente o homem daquela caserna, que não ousamos abrir a porta além da fresta que nos permitiu ver o crucifixo, poderia mesmo ser agressivo e pensando assim, quase não pudemos acreditar no que realmente surgiu pela estreita picada em meio as moitas ao redor da cabana. Vimos surgir, não um homem barbudo como prevíamos mas sim uma mulher de aparência jovem e conservada, que vinha seguida, não por um homem, como seria fácil supor, mas por um coelho do mato, amarelo, daqueles que correm assustados à qualquer presença humana que se aproxime.

Pasmados vimos o coelho a poucos metros da mulher que se aproximava incontinenti de nós. O coelho parecia proteger-se atrás do corpo da mulher, demonstrando uma confiança inusitada.

Ao nos ver, a mulher não interrompeu e sequer diminuiu seu ritmo no andar, aproximando-se com semblante tranqüilo e um sorriso amável e pelo seu tom de voz, deu-me a impressão de que ela já nos esperava.

Ao parar à nossa frente, com o olhar fixo em nossos semblantes, pasmados, ela nos perguntou

- Faz tempo que chegaram? Estão cansados?

Respondemos quase ao mesmo tempo, mas...

- Enquanto eu dizia não, o Roberto dizia sim, possivelmente respondendo as perguntas diferentes, ou quem estivéssemos respondendo à primeira pergunta, apenas, mas com respostas conflitantes porque o tempo tem para cada pessoa uma determinada dimensão: enquanto para alguns um determinado tempo é curto, para outros esse mesmo tempo pode parecer uma eternidade.

Logo ficamos sabendo que Paula era o nome da mulher serena que chegou carregando apenas um pequeno cesto de vime, também tosco porém ricamente ornado com desenhos coloridos e coberto com um pano muito branco e cheio de frutas silvestres.

Reparamos também imediatamente que a mulher, Paula, era especialmente bela e que sua beleza tinha alguma coisa diferente. Não era como as mulheres bonitas que costumávamos ver por aí. A beleza de Paula, tinha alguma coisa a mais, que nós

não conseguíamos definir: alguma coisa muito misteriosa havia por trás do seu olhar e do seu sorriso; seus cabelos eram suaves e esvoaçavam à leve brisa, cobrindo as vezes, parcialmente o seu rosto amorenado.

- Vamos entrar – disse abrindo a mão com a palma virada para cima mostrando a porta da cabana- Suponho que vocês estejam muito cansados! – concluiu-.

Aceitamos imediatamente o seu convite e novamente fomos surpreendidos: a porta, outrora emperrada, abriu-se silenciosa e suavemente como se fosse mágica, ao leve toque de Paula, e o casebre, outrora tão escuro, tornou-se claro apenas com o facho luz da porta aberta.

Era exuberante a limpeza e a arrumação interna, parecendo-se mais a um castelo de nobres do que à barraca de um eremita como pensamos antes. Na verdade tudo, lá dentro, tinha o aspecto da pureza e eu notei também, logo a seguir, que a indumentária de Paula, igualmente, inspirava pureza, tanto pelo modelo singelo da vestimenta, quanto pelo seu candor.

Quanto minha vista percorria lentamente as paredes, fui tomado de profundo assombro; estarrecido eu vi, afixado à esquerda do crucifixo um quadro pintado a mão em que me pareceu ver um cavalo branco e majestoso, um homem ainda primitivo e uma formiga, marchando enfileirados em direção à uma espécie de sol que brilhava profusamente.

Enquanto eu ainda olhava o quadro e sem querer era remetido à fábula que precedeu nossa viagem; que estranha coincidência. Dei com o cotovelo no braço do meu amigo e apontei com o queixo o quadro, que ele olhou assombrado.

Ficamos quietos por um período prolongado e quando nos refizemos do espanto, Roberto perguntou com sutileza:

- Paula, considerando que não é tão comum uma mulher viver em um lugar ermo, como este, não nos é difícil supor que alguém viva aqui com você, ou venha, vez por outra, ajudá-la.

Respirando fundo mas tranquilamente, Paula nos disse:

- Vivo aqui, com minhas lembranças, minhas aspirações, os animais e os frutos que vocês vêem. As almas de meus dois irmãos que foram levados para outros mundos também me fazem companhia.

Ao dizer isso, apontou para a outra parede – oposta à parede do crucifixo – onde dois jovens, que não tinham mais do que 20 anos – apareciam em um retrato emoldurado.

Aceitamos sentarmo-nos ao som dos pássaros que gorjeavam lá fora e a clara luz da candeia interna, que ficamos sabendo depois, jamais se apagava e era abastecida por material inflamável que ela mesma havia aprendido a produzir naquele lugar. Uma espécie de etanol, retirado de plantas nativas, com uma técnica surpreendentemente simples que ela nos mostrou.

A candeia, embora acesa sempre, não foi vista por nós quando chegamos e empurramos a porta. Era intrigante!

Intrigava-me também que havia, na verdade duas camas igualmente limpas e arrumadas.

## Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

